

## ABSOLVEM A CARLOS CALLÓN



O presidente da Mesa pola Normalizaçom Lingüística, Carlos Callón foi absolvido do juízo de faltas por injúrias ao ex-juiz decano da Corunha, Antonio Fraga Madián. Callón recriminou o juiz que defendera a legalidade de utilizar o topónimo “La Coruña”, incumprindo a Lei de Normalizaçom Lingüística que estabelece a toponímia.

## CAMPANHA CONTRA OS LAGOSTINS TROPICAIS



Verdegaia apresentou umha campanha para as festas de Natal, para recomendar à cidadania que se absteria de comer lagostins tropicais. Segundo a entidade esta espécie contém químicos, têm um grave impacto ambiental e empobrece a economia local. Os ecologistas optam por produtos das pesqueiras de baixo impacto no litoral.

## ENTREVISTA A DIEGO LORES, DA OFICINA DE DIREITOS SOCIAIS DE COIA

# “Os serviços sociais funcionam como umha forma de controlo dos setores empobrecidos”

A.L. / O bairro viguês de Coia é desde o seu nascimento um exemplo de luta comunitária. Nos anos 60 albergou a mão-de-obra que emigrava a Vigo para trabalhar nas factorias que apareciam na época. Há uns 5 anos, abriu as suas portas umha entidade que tem por objetivo combater a exclusom que se está a incre-

mentar tanto no bairro como na cidade: a Oficina de Direitos Sociais (ODS) de Coia. Este ponto de informaçom e denúncia recebe ao público na paróquia do Cristo da Vitória, umha comunidade cristá seguidora dos postulados da teologia de libertaçom que acompanhou desde sempre as vizinhas na sua luta.

## Como nasceu a ODS-Coia?

A ODS nasceu a finais de 2007. A primeira pata da oficina é que somos e vivemos em Coia. Desde sempre nos vimos metidos numha forma de entender a vida desde o comum. Estivemos também acompanhando a luta polo direito a teito da gente sem lar da cidade. Nesta lógica apareceu a gente do Grupo de Agitaçom Social (GAS) e também Baladre, como coordenaçom de lutas contra a pobreza, a precariedade e exclusom social. Graças a eles conhecemos os pontos de informaçom sobre direitos sociais, que estão feitos à imagem do de Barakaldo, de Berri Otxoak, que nasceu no 97. Enredados com a gente de GAS e de Baladre lançamos a abrir a oficina que basicamente é um ponto onde informamos de jeito alternativo das ajudas sociais que existem, porque entendemos que a informaçom que existe é mui escassa e mui interessada. Depois essa informaçom serve para denunciar a pobreza e a exclusom na que vivemos umha maioria.

## Que tipo de problemas enfrentades na ODS? Há algum perfil concreto da gente que vêm onda vós?

A oficina está aberta às segundas de 17.00 a 19.00. No último ano há cada vez mais gente. Há alguma que já passou polos serviços sociais anteriormente, mas o aumento vem pola nova pobreza. Estas pessoas venhem porque estiverom nos serviços sociais do Concelho e lhes dim que nom há cartos ou que esses serviços nom som para eles. Umha pessoa que ia apanhando-se pola sua conta e de repente vê que a cousa vai mal, no INEM dim-lhe que nos serviços sociais lhe podem ajudar, mas ao achegar-se ali começa a flipar com as respostas, por que lhe dim que nom há cartos, que como tem



família a sua família tem a obriga de mantê-lo... Há muita gente que se achega aqui com essa história. Falo da gente nova nos serviços sociais. A velha vive controlada por umha miséria, a gente que percebe a Risga tem um excessivo controlo da sua vida por 400 euros ao mês.

## A que te referes com que há um excessivo controlo?

Entendemos que os serviços sociais funcionam como um instrumento de controle social dos setores mais empobrecidos que produz o capitalismo. Os serviços sociais nom fôrom muito mais aló da caridade. Por umha Risga ti tés que dar contas periodicamente a umha trabalhadora social, tés umhas exigências para um projeto de inserçom que che obriga a buscar trabalho, a fazer cursos, a notificar os teus cámbios em cousas tam íntimas coma se alguém vive no teu domicílio ou deixa de viver. Obriga-che a dares contas de quase toda a tua vida e sempre

.....  
“Acompanhamos a luta polo direito a teito da gente sem lar”  
.....

.....  
“Informamos de jeito alternativo das ajudas sociais que existem”  
.....

por umha miséria.

Outra cousa com que topamos com frequência é a gente que vêm aos serviços sociais porque nom pode pagar as faturas. O Concelho de Vigo, como quase todos os Concelhos, tem umhas ajudas económicas para situaçoms de emergência. Estas ajudas tenhem um regulamento, que tem que ser público mas o pedimos umha infinidade de vezes e nom no-lo dam, e tem umhas bases. O que nom pode ser é que chegues aos serviços sociais e che digam que nom tés direito a nada. Isso é mentira.

O orçamento dessas ajudas em Vigo o ano passado foi algo menor de 500.000 euros. Agora mesmo o que está a passar é que a ajuda é como um direito graciável à trabalhadora social ou aos serviços sociais, que segundo como lhes pareça se concede ou nom.

## A ODS-Coia participou num estudo de viabilidade da Renda Básica das Iguais (Rbis) na Galiza. Em que se basearia a viabilidade desta prestaçom?

Dizemos que é viável porque entendemos que no mundo o dinheiro existe, que haja dados de que 1 em cada 4 galegos seja pobre nom é umha causa divina nem natural. O que queremos dizer é que a riqueza existe, é nossa, e haverá que reparti-la. Fige-mos umha aproximaçom de como poderia ser a implantaçom na Galiza da Rbis e falamos de que nuns 15 anos poderíamos estar a cobrá-la. Propom-se fazê-lo em várias etapas, começando por coletivos mais vulneráveis. O di-

.....  
“A riqueza existe, é nossa, e vai haver que reparti-la”  
.....

.....  
“Que 1 em cada 4 galegos seja pobre nom é causa divina”  
.....

nheiro viria por três vias: através de umha maior fiscalidade para as grandes fortunas, da eliminaçom de gastos inecesários num mundo com justiça social, e de que ao juntar-se todas as prestaçoms na Rbis desapareceria todo o aparato burocrático atual.

## Durante o trabalho de campo figestes encontros grupais, entrevistas... Quais eram os debates que se abriam?

A renda básica é um conceito que dá muito para falar. Sempre alguém di que é umha utopia, como pode ser que vivamos sem trabalho! Quando perguntas o que aconteceria se a gente cobra-se a renda básica, responde-se que ninguém vai trabalhar, mas se perguntas ao revés: como farias tu com esses 879 euros? o normal é que a gente diga que seguiria trabalhando, talvez cambiaria de trabalhos, mas trabalharia. Eu participei no grupo de intensidade das pessoas sem lar e serviu para destapar o que é trabalho e o que é emprego. Agora mesmo para viver necessitamos ter um emprego, porque nom há outra forma base de ter ingressos, pero isso é umha maneira de organizar a vida que nom tem por que ser assi. Saem muitas cousas, e vemos que a riqueza sim que existe, que os cartos aparecem para humanizar ruas enquanto se desumanizam vidas na cidade.